

João Pessoa - Número Dois - Novembro de 2000

O olhar de Gilberto Freyre sobre a infância na sociedade patriarcal ^[1]

SANDRA REGINA RODRIGUES DOS SANTOS

*Aluna do Curso de Graduação em Ciências Sociais
CCHLA - UFPb*

É difícil falar da formação da sociedade brasileira sem destacar a contribuição do ilustre pernambucano Gilberto Freyre. Suas obras mais significativas, neste sentido são **Casa-Grande & Senzala** e **Sobrados e Mocambos**, cujo conteúdo representa uma espécie de radiografia, onde se pode reconhecer a historicidade do povo brasileiro. O choque inter-étnico ocorrido a partir de 1500, com a chegada do português frente aos primeiros contatos com os nativos da terra recém descoberta; a chegada posterior de ingleses, holandeses, franceses como dominadores e dos negros africanos como escravos estabeleceu o surgimento da sociedade brasileira – diversa, mista, impregnada de aspectos culturais de todos esses povos e, dos que vieram no processo de urbanização. Uma sociedade que teve como eixo formador dois principais aspectos: raciais e religiosos. Do encontro com a mulher nativa emerge um novo modelo de família que só foi possível devido à moral religiosa que impregnou os primeiros habitantes após a descoberta.

Para este trabalho, utilizarei o enfoque dado por Gilberto Freyre nas duas obras citadas acima, ao menino indígena, ao menino na sociedade patriarcal e, ao menino dos sobrados urbanos. Procurando visualizar, a partir desses aspectos a visão freyriana para a contribuição desses agentes na formação da sociedade brasileira nos primeiros séculos do país. No que diz respeito ao menino indígena, descreverei seus costumes, crenças e brincadeiras. Em seguida, destacarei o papel desempenhado pelo pequeno gentio no processo de catequização jesuítica levando, através de outros fatores, a concepção de um novo modelo de família.

Posteriormente, irá emergir o modelo de sociedade: a sociedade patriarcal. Nessa sociedade surge uma mentalidade que limitará a infância até os sete anos onde, antes de completar essa idade, o menino era tratado com todos os mimos e comparado à pureza do menino Jesus, dos oito aos doze anos era um ser não-humano: a idéia de transição para a juventude, ou seja, a adolescência não existia. Este menino, dos dez aos doze anos tinha apressada a passagem para a vida adulta, que chegava precocemente aos quinze, dezesseis anos. A decadência do patriarcalismo rural vai possibilitar uma certa luta pela liberdade, não no sentido de reconhecer a adolescência como fase mas, reconhecer no jovem a emergência e um "homem novo". Fato que irá marcar esse reconhecimento será a ascensão de D. Pedro II como imperador aos 15 anos de idade.

De modo geral, não se pretende fazer uso das impressões de Freyre para afirmar qualquer argumentação, objetiva-se descrever o papel desempenhado pela infância e juventude no recorte histórico analisado na obra de Gilberto Freyre.

A INFÂNCIA INDÍGENA E A CATEQUESE DOS JESUÍTAS

Assim como não se pode falar de uma "cultura brasileira", também não se pode falar de uma "cultura indígena". Essa afirmativa inicial explica-se pelo fato de que, ao falar do "menino indígena" estará se tratando de uma referência geral dada pelo autor. Ou seja, o objeto não será delimitado nessa ou naquela nação indígena e

sim, numa visão macro da contribuição desses povos. Falemos do menino indígena. Desde pequeno este vive rodeado pelos cuidados maternos, cujo asseio com o filho impressionou o português "porcalhão". Acompanhava a mãe, preso a tipóias, no trabalho de plantio; ao nascer, os pais realizavam rituais para protegê-lo de espíritos maus e doenças. O menino indígena vivia livre mantendo um contato direto com a natureza, fazendo dos animais seus parceiros nas brincadeiras. No entanto, observa-se que os adultos incutia-lhes determinados medos que tinham como objetivo manter a ordem social das tribos. Uma das crenças, a do Jurupary; que era uma espécie de diabo, misto de humano e animal,

"havia entre os indígenas do Brasil; e com o mesmo fim de amedrontar as mulheres e as crianças e conservá-las em boa ordem" (1933: 162)

Como se vê, a tarefa de estabelecer a ordem era destinada aos homens que mantinham o poder sobre mulheres e crianças. As crianças do sexo masculino, ao entrar na puberdade permaneciam na companhia dos homens numa espécie de clube onde aprendiam a arte de dominar as mulheres. De forma geral, o destaque para a vida do menino indígena serve como um ponto de partida importante no sentido de entender o que ocorreu posteriormente com a chegada dos colonizadores. Sobretudo, quando os padres da Companhia de Jesus aqui se instalaram, servindo-se dos "culumins" para neles impor o cristianismo; formando homens passivos e cúmplices da colonização devastadora.

Da ação do trabalho de catequização jesuítica sobre os indígenas, podemos destacar que o menino nativo:

"Foi o eixo da atividade missionária. Dele o Jesuíta fez o homem artificial que quis." (1933: 179)

Ainda, sobre a importância desse agente recorreremos a Piori que diz:

"A alma indígena(...)mais aquelas alminhas virgens, onde os pecados desta terra tão paradoxais ainda não se tivesse instalado." (Piori; 1996: 12)

O "papel em branco" os "meninos da terra" onde a mentalidade cristã/européia iria ser transmitida com tanta facilidade seria o mediador entre as culturas recém "encontradas". O menino indígena tornou-se cúmplice do processo de cristianização dentro de sua cultura, agindo como repressor e questionador de seus costumes. Os Jesuítas utilizaram-se dos símbolos do gentio para assimilá-los ao cristianismo. Não havia, por assim dizer, um objetivo declarado de reprimir ou destruir a cultura indígena. No entanto, há momentos em que foram ridicularizados os pajés na tribos.

Para compreender o que ocorreu na colonização portuguesa, é importante procurar na criança indígena, filho do nativo, o fundamental papel que os Jesuítas lhes atribuíram. Pois estes, depois de impregnados pela moral cristã aceitaram a inferioridade imposta pelos dominadores. Sem ele, a tarefa de catequização teria sido bem mais difícil.

A descrição feita por Freyre remete, também à grande taxa de mortalidade infantil ocorrida neste período, esse fato acontece devido as péssimas condições de vida a que foram submetidas as famílias artificialmente erguidas sob o modelo cristão. Para amenizar entre os índios essa dor, surge a crença no menino anjo(que será melhor tratado posteriormente). Nesse sentido, vemos que as crianças indígenas sofrem um processo de aliciamento onde, a crueldade do descobrimento fez delas o eixo, o alvo principal da imposição do novo modelo de organização. A crueldade da

cristianização, que pretendia salvífica, afastou os "curumins" e "cunhãs" de suas tribos e, fez sua cultura parecer uma norma inferior a ser superada. O homem que emergiu desse menino foi, como diz Freyre, um "homem artificial". Posteriormente, cheios da moral cristã um novo modelo de família é estabelecido. Sem uma economia estável, torna-se impossível viver de acordo com as novas regras por isso, muitas famílias são desagregadas.

Devido a forma como era visto o índio, ou seja, como um ente não-humano, por não ter sido batizado, não havia preconceitos raciais como ocorreu com os negros. Isso para destacar a existência de escolas missionárias que agregavam índios, mestiços e "brancos" como alunos, todos recebendo a mesma educação.

Segundo Freyre:

"As crônicas não indicam nenhuma discriminação ou segregação inspirada por preconceitos de cor ou raça contra os índios; o regime adotado pelos padres parece ter sido de fraternal mistura dos alunos" (1933: 184)

Nesses colégios era favorecido o intercâmbio cultural entre os dois povos; a língua, os brinquedos, a educação, uma relação de quase harmonia que, posteriormente foi quebrada segregando os índios a escolas nas próprias aldeias.

A VIDA DO MENINO NA CASA GRANDE E NO SOBRADO

Na organização da sociedade patriarcal, desaparece a figura de índio como ator principal pois, com a educação recebida nas escolas missionárias, os "meninos da terra" aprenderam os costumes da cultura européia; do encontro com os nativos o europeu foi obrigado a adaptar-se à cultura e modos de vida do nativo. Partindo dessa relação e de outros elementos, a contribuição do indígena possibilitou a formação das novas famílias de brasileiros que, mais tarde tornaram-se proprietários da imensidão de terras "sem dono", vindo a surgir um novo modelo de sociedade: a sociedade patriarcal. O que não se configura como novidade, tendo em vista que, em pleno século XVI/XVII muitas sociedades eram regidas por esse sistema. No Brasil, no entanto, essa organização tem suas particularidades. A base estrutural desse sistema foram as Casas Grandes cujos proprietários eram senhores de tudo e de todos que os rodeavam.

Um poderio que se exercia numa,

"Subordinação do escravo ao senhor; do preto ao branco; do filho ao pai; da mulher ao marido" (1936: 17)

Não só na relação casa grande e senzala mas, o clero também era subordinado ao senhor que detinha poder de justiça; poder político; poder de impor regras de moral, etc. No que diz respeito à relação com o filho, o autor cita casos em que os pais chegavam a assassinar os filhos se assim achassem direito. Dotado de grande prestígio social, o homem nesse sistema inferiorizava qualquer indivíduo que não fosse, antes de tudo homem e, que não pertencesse a sua condição social. Nesse sentido, cedo nasce nos meninos o desejo de ser homem, de alcançar o reconhecimento que os adultos detinham.

É importante ressaltar que a infância é muito curta nessas sociedades; até os seis anos é adorado como um anjo – crença proveniente do período de colonização e que foi utilizado para amenizar a grande taxa de mortalidade ocorrida entre as crianças indígenas durante o período de dominação – cuja santidade é comparada ao menino Jesus. Mortos nessa idade, os velórios desses meninos eram seguidos de ritos onde se exaltava a pureza destes com festas alegres. Sua alma estaria perto

de Deus, por isso intervindo diretamente para amenizar os pecados dos pais e mães, verifica-se que os pais alegravam-se quando seus filhos morriam nessa idade. Dos sete aos doze anos o menino não tem espaço dentro da organização social, não é compreendida a idade, ou melhor, a fase que a pessoa percorre da infância até a juventude. Talvez por ser perguntador esse menino que, enquanto representação foi, no início da colonização o eixo da atividade missionária agora, é considerado "o *instinto de todos os pecados*".

Desenvolve-se nessas sociedades uma espécie de Pedagogia do Medo, um método que consistia no terror diante dos pais e velhos. Um terror perante os mestres, professores, padrinhos, mãe e pai que maltratavam-nos com surras e espaçamentos iguais aos que se destinava aos escravos. Dessa forma, uma rede de poder cujo estopim estava ligado a agressões físicas brutais era exercido de cima para baixo. Ou seja, o patriarca sobre o filho, o filho sobre o escravo. Pois verifica-se, que este menino refletia nos escravos as agressões sofridas em casa. Essa autoridade consistia na moralização e educação dos filhos e, esse caráter sádico, nasceu no sistema Casa Grande e persistiu quando os centros urbanos começaram a se desenvolver. O que é interessante ser visualizado é que essa pedagogia não pertence mais ao pai; a sociedade patriarcal rural mas, as escolas/seminários urbanos que se tornaram extensões desse poderio, desenvolveram essa mesma pedagogia modificando apenas os instrumentos e os objetivos. Nesses seminários, adquiriu-se o gosto e a vontade em ser bacharel, receber títulos de mestre e doutor nascendo novas gerações de juizes, advogados e intelectuais.

Pode-se observar também, que inexistia a noção de individualidade para as crianças em detrimento da vontade dos adultos, diga-se dos adultos homens pois, as mulheres não eram senhoras de si nessa sociedade. Quebrando-se o individualismo, formava-se adultos passivos e subservientes a igreja e a doutrina católica.

Com a emergência das escolas jesuítas, surge o culto ao menino inteligente, o que não se configura como uma valorização deste enquanto indivíduo mas, este enquanto precocidade de homem. Nasce a divergência entre o homem novo e o homem velho. Fato que teve seu marco no império de D. Pedro II que ascendeu ao reino com quinze anos de idade. Desse modo o antagonismo entre o pai e o filhos, homem e menino se atenua sobretudo, com a decadência do patriarcalismo rural e o nascimento das novas gerações de bacharéis e doutores. O homem novo é representado por essa geração que assume a vida pública nas cidade com idades muito inferiores a trinta anos.

Ressalta-se , também que o culto à juventude, ou melhor, ao homem novo é seguida por uma onda de mortes precoces devido aos excessos cometido por esse jovens que morriam das doenças mais banais. Há uma certa vantagem em morrer jovem, pode-se dizer que havia até um certo status pois, devia-se aproveitar a vida na juventude e a pois a velhice não guardaria um bom futuro.

Entendemos que Freyre contribuiu não só para uma análise histórica da sociedade mas, para uma análise sociológica das primeiras relações sociais no âmbito da emergência do povo brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREYRE, Gilberto. (1933). **Casa-Grande & senzala**. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

_____. (1936). **Sobrados e mocambos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951.

PRIORI, Mary Del. (1996). **História da criança no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Contexto (Col. "Caminhos da História").

NOTA

1) Trabalho final apresentado à disciplina "*Tópicos Especiais em Antropologia*", ministrada pela profª Maristela Andrade durante o período letivo 2000.1.